

## AS CRÔNICAS DE MIGUEL ESTEVES CARDOSO E DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES: OLHARES LITERÁRIOS SOBRE O PORTUGAL CONTEMPORÂNEO

### THE CHRONICLES OF MIGUEL ESTEVES CARDOSO AND OF ANTÓNIO LOBO ANTUNES: LITERARY INSIGHTS INTO CONTEMPORARY PORTUGAL

Recebido: 17/05/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2819

Maria Filomena Barradas<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7168-9509>

**Resumo:** O trabalho que aqui se apresenta resulta do cruzamento de dois autores portugueses contemporâneos, Miguel Esteves Cardoso (1955) e António Lobo Antunes (1942), que, nas suas crónicas escritas entre os anos 80 e 90 do século passado, refletem sobre o momento histórico e as mudanças operadas na sociedade portuguesa. Entendemos aqui a crónica como um discurso de fronteira entre o jornalismo, a literatura e a historiografia. Inicialmente publicadas em jornais de referência no panorama português (*Expresso*, *O Independente* e *Público*), os textos que abordaremos tiveram tão bom acolhimento que foram pouco tempo depois recolhidos e editados em livro, que tem sido alvo de sucessivas reedições. Escrevendo em regimes muito diferentes – Miguel Esteves Cardoso é um opinador, enquanto António Lobo Antunes é um ficcionista –, ambos tomaram o Portugal dos anos 80-90 como tema e cenário das suas crónicas, apresentando um retrato de Portugal em crise de identidade, no rescaldo da perda das colónias, mas procurando uma personalidade coletiva, no momento em que uma realidade geopolítica e económica se impunha com a entrada na CEE (1986).

**Palavras-chave:** Portugal; Miguel Esteves Cardoso; António Lobo Antunes; Crónica; Identidade coletiva

**Abstract:** This essay results from the crossing of two contemporary Portuguese authors, Miguel Esteves Cardoso (1955) and António Lobo Antunes (1942), who, in their chronicles, written between the 80s and 90s of the last century, reflect on the historical moment and the changes in Portuguese society. We understand the chronicle as a genre between journalism, literature and historiography. Initially published in leading Portuguese newspapers (*Expresso*, *O Independente* and *Público*), the texts we will discuss were so well received that they were soon afterwards collected and published in books, which have been the subject of successive re-editions. Writing under very different styles - Miguel Esteves Cardoso is an opinion writer, while António Lobo Antunes is a fiction writer - both took the Portugal of the 1980s and 1990s as the theme and setting for their chronicles, presenting a portrait of Portugal in a crisis of identity, in the aftermath of the loss of the colonies, but seeking a new collective personality, at a time when a geopolitical and economic reality was imposed by the entry into the EEC (1986).

**Keywords:** Portugal; Miguel Esteves Cardoso; António Lobo Antunes; Chronicle; Collective identity

---

<sup>1</sup> Maria Filomena Barradas (n. 1976) é docente do Instituto Politécnico de Portalegre desde 1999. É Doutora em Estudos Portugueses (2012) pela Universidade de Lisboa, Mestre em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea (2003) e licenciada em Estudos Portugueses (1998), pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Os seus estudos têm incidido especialmente sobre as relações entre literatura e jornalismo, sobre o género crónica e sobre a cultura portuguesa e a identidade nacional no final do século XX. É investigadora do CLEPUL e do CECC. (Universidade Católica). E-mail: [mfilomenabarraadas@ippportalegre.pt](mailto:mfilomenabarraadas@ippportalegre.pt)

## Apresentação

Embora o discurso literário e o discurso historiográfico tenham objetivos diferentes – o primeiro desejando proporcionar uma experiência estética e o segundo visando a explicação de eventos e fenômenos do passado –, há momentos em que os dois discursos se intercetam. A crónica, género amplamente praticado no mundo lusófono, constitui um caso paradigmático dessa interceção.

Um dos primeiros sentidos do termo é o de registo da vida e feitos de figuras ilustres, que se materializa, no caso da literatura portuguesa, em relatos como a *Crónica Geral de Espanha de 1344*, as crónicas de Fernão Lopes (século XV), ou a *Crónica de Afonso Henriques*, de Duarte Galvão, para citar alguns exemplos. É apenas no século XIX que assistimos a uma reconfiguração da crónica. À medida que a História se constitui como discurso científico de recuperação e reexplicação do passado (com frequência contra o legado cronístico fabricante de heróis), o termo “crónica” passa a designar um tipo de discurso fundado não no passado mas no presente e, como tal, ancorado no *medium* que à época sinalizava tal atualidade: o jornal.

A transição da crónica-narrativa histórica para a crónica-texto de jornal não é, no entanto, imediata. Ela emergirá do folhetim, forma desenvolvida para o entretenimento dos leitores e que promovia a sua fidelização ao jornal, através de estratégias como a “descontinuidade accional, ruptura temporal, alternância de espaços, dentro de um espírito acumulatório e reiterativo” (RODRIGUES, 1998, p. 225) e que explorava uma multiplicidade de assuntos e formatos, que incluíam o comentário à atualidade, a crítica literária ou teatral, o comentário mundano e o registo poético ou literário (RODRIGUES, 1998).

É deste fundo heteróclito que nasce a crónica, como a entendemos hoje. Alimentando-se da atualidade, ela é um relato vívido, reflexão risonha, opinião (im)pertinente, que busca estimular o sentido crítico do leitor. O cronista não é mais um ordenador do passado ilustre, mas um intérprete do seu tempo, ocupando-se com a análise e o comentário, o que indicia que a crónica poderá ser incluída no género “opinião” jornalística (BARRIGA, 2008). Porém, esta perspetiva pode levantar alguns problemas, já que se atendermos à crónica contemporânea, podemos encontrar exemplos claros de textos de natureza opinativa, bem como outros dos quais tal natureza parece ausente. De facto, na imprensa portuguesa da atualidade

multiplicam-se os “cronistas”: alguns são figuras ligadas ao jornalismo; outros são especialistas que emprestam o seu conhecimento ao jornal; outros há cuja missão parece ser apenas entreter e divertir o leitor; finalmente, é frequente haver escritores que colaboram com jornais e revistas.

Miguel Esteves Cardoso e António Lobo Antunes, os cronistas abordados, parecem a vários níveis irreconciliáveis.

Miguel Esteves Cardoso tem feito a sua carreira no jornalismo e o reconhecimento do seu virtuosismo como cronista firmou-se durante as décadas de 80 e 90 do século passado. Desse período, destaca-se a sua colaboração com o semanário *Expresso* (1983-1987), a fundação e direcção do semanário *O Independente* (1988), e bem como da revista *Kapa* (1990). Embora tenha feito algumas incursões no romance, elas têm pouca importância face à sua produção cronística, que sistematicamente tem sido editada em formato livro<sup>2</sup>. A fortuna editorial de Miguel Esteves Cardoso tem sido acompanhada pela visibilidade permitida pelas redes sociais, o que aponta para o bom acolhimento que os seus textos vêm recebendo dos leitores ao longo de diferentes gerações<sup>3</sup>.

Por seu turno, António Lobo Antunes vem sendo um dos mais aclamados romancistas portugueses. A sua profícua carreira iniciou-se em 1979, com a publicação do romance *Memória de Elefante* e até à data conta com cerca de trinta romances. Só na década de 90, depois de vários romances publicados, o autor se torna cronista, no suplemento dominical do *Público*, a convite do então director, Vicente Jorge Silva. Sistematicamente, Lobo Antunes menoriza o seu trabalho cronístico: as crónicas são “literatura alimentar”, que faz a troca de dinheiro, ou “prosazinhas”, que o distraem da escrita dos romances. No entanto, o sucesso das crónicas foi de tal ordem que elas continuaram a ser publicadas por longos anos<sup>4</sup>. Os

---

<sup>2</sup> *A Causa das Coisas* (1986), *Os Meus Problemas* (1988), *As Minhas Aventuras na República Portuguesa* (1990), *Último Volume* (1991), *Explicações de Português* (2001), *A Minha Andorinha* (2006), *Com os Copos* (2007), *Em Portugal Não Se Come Mal* (2008), *Como é Linda a Puta da Vida* (2013), *Amores e Saudades de um Português Arreliado* (2014), *No Futuro e no Passado Estamos Todos Mortos* (2019), *As Cem Melhores Crónicas* (2020), *As Cem Melhores Crónicas de Amor* (2021).

<sup>3</sup> Destaca-se a existência de um grupo no Facebook, com cerca de 35 mil membros, cuja missão é “divulgar a obra de Miguel Esteves Cardoso, esperando-se que as publicações aqui feitas sejam ao mesmo tempo uma criação e uma recreação em volta dos seus interesses, preocupações e inclinações. Em torno, no fundo, de tudo aquilo que sempre o moveu e que de certo modo ajudou a colocá-lo como um dos autores mais importantes da nossa cultura, como uma das personalidades mais interessantes do nosso tempo.” (<https://www.facebook.com/groups/miguel.estevescardoso/about>)

<sup>4</sup> Depois de ter colaborado com o suplemento de domingo do *Público*, Lobo Antunes colaborou com a revista *Visão* (2000-2019).

textos publicados entre 1993 e 1998 no *Público* estarão na gênese de *Livro de Crônicas* (1998), obra que colheu grande sucesso junto dos leitores e da crítica. Seguiram-se *Segundo Livro de Crônicas* (2002), *Terceiro Livro de Crônicas* (2006), *Quarto Livro de Crônicas* (2011), e *Quinto Livro de Crônicas* (2013), que recolhem textos saídos na revista *Visão*. Em 2021, foi publicado *As Crônicas*, volume-síntese, prefaciado por Marcelo Rebelo de Sousa, o Presidente da República.

Tomaremos destes autores a produção cronística dos anos 80 e 90, procurando mostrar que, apesar das suas diferenças, ambos partilham a preocupação com Portugal e com a reconfiguração identitária que se opera na sociedade portuguesa. No entanto, como se verá, o tratamento que cada um dos autores dá a este *topos* é bastante distinto.

### **O Portugal sem império, mas na CEE de Miguel Esteves Cardoso e António Lobo Antunes**

Em 1988, António Lobo Antunes publicou *As Naus*. No romance, o leitor era surpreendido ao encontrar personagens ilustres da história portuguesa, em trânsito espacial e temporal. Pedro Álvares Cabral, Luís de Camões, Manuel de Sousa Sepúlveda e Vasco da Gama, entre outras figuras da história pátria, que tinham partido de “Lixboa” séculos antes, regressavam a Portugal no rescaldo do fim do império, como retornados.

Trata-se, de acordo com Maria Alzira Seixo, de “uma paródia organizada em forma simultaneamente de homenagem e sátira” à aventura dos Descobrimentos, cujos quinhentos anos começavam a celebrar-se por essa altura (SEIXO, 2002, p.168).

Embora o objetivo deste trabalho não seja focar este romance, mas sim algumas das crônicas que Lobo Antunes e Miguel Esteves Cardoso publicaram e no modo como elas poderão fornecer matéria apropriável pela História, considerou-se pertinente esta menção a *As Naus*, já que este romance encena de forma muito clara a aporia portuguesa do final do século XX, que a revolução de 1974 potenciou. No momento em que todo um passado colonial desaguava em Lisboa – que futuro havia pela frente? O final do romance apresenta um grupo de personagens, das quais se destaca o “homem de nome Luís” (Camões), que se desloca até à Ericeira, local onde

(miticamente) haveria de chegar D. Sebastião. Porém, apenas conseguem distinguir “o oceano vazio até à linha do horizonte”, enquanto aguardam “os relinchos de um cavalo impossível” (ANTUNES, 1988, p. 247).

No imaginário coletivo, a revolução abria não só as portas à democracia, como também à possibilidade de uma vivência comum de acordo com um novo paradigma. Alguns dos anseios que se projetam nesse momento são antigos e vêm sendo reiterados pelo menos desde o século XVIII, como a consciência de afastamento em relação à Europa, ou dito de outro modo, a consciência da situação periférica de Portugal, nos planos geoestratégico, económico, político e cultural.

Para muitos, esse “cavalo impossível” cumprir-se-ia através da integração na Comunidade Económica Europeia (CEE), que ocorreu em 1986. À época, a CEE era ainda uma organização de tipo iminentemente económico, nascida da vontade e do esforço do pós-guerra, mas que começava a dar os primeiros passos para se tornar numa organização de tipo político – a União Europeia (UE). Significava isto que num curtíssimo período de tempo, Portugal passava duma situação de país colonizador, que se estendia, na linguagem cristalizada pelo Estado Novo, “do Minho a Timor”, para uma situação de país periférico – o país periférico que, afinal de contas, sempre fora – e que, incapaz de contrariar essa situação marginal, tinha como única possibilidade a integração europeia.

Findo o império, conquistada a democracia, o futuro apresentava-se como uma tela em branco de possibilidades ilimitadas. No entanto, as crónicas que serão aqui apreciadas, escritas entre meados da década de 80 até meados da década de 90, e colhidas em *A Causa das Coisas*, *Os Meus Problemas*, *As Minhas Aventuras na República Portuguesa* e *Último Volume*, no caso de Esteves Cardoso, e em *Livro de Crónicas*, no caso de Lobo Antunes, sugerem o cepticismo e o desencanto face às mudanças em curso.

A primeira edição de *A Causa das Coisas* data de 1986 e reúne crónicas publicadas no *Expresso*, desde 1983. As “coisas” a que o título alude são objectos “de um tempo passado que continuam a ser fabricados, vendidos, comprados, usados e precisos” (Cardoso, 2009, p. 56). A água Castelo, o almanaque Bord’ Água, o leite Vigor ou a pasta medicinal Couto fazem parte deste património.

O sociólogo inglês Tim Edensor em *National Identity, Popular Culture and Everyday Life* (2002) explica como os objectos ajudam a cristalizar as identidades

nacionais, ao defender que os objectos quotidianos são centrais para a criação de uma matriz de elementos culturais e relacionais, que incluem também práticas e representações em torno desses mesmos artigos. Porque não se relacionam somente com o trabalho ou com o *status*, mas fazem parte do nosso dia-a-dia, as coisas que nos rodeiam ajudam-nos a moldar a nossa identidade cultural e colectiva, por oposição a outras (EDENSOR, 2002, p. 105).

Estes objectos pertencem à esfera da vida doméstica e apresentam propriedades e potencialidades que se podem relacionar com a experimentação corporal, física e sensória, bem como com o conforto e com o bem-estar: são coisas que tornam a nossa vida melhor, que são compradas sem grande reflexão ou planeamento e cuja compra consistente ao longo do tempo encontra eco nos padrões de consumo daqueles que nos rodeiam.

Fazendo parte da nossa vivência diária, estes itens tornam-se tão pervasivos que alguns deles se constituem como símbolos de determinados países ou nações.

No texto que encerra o volume e que funciona como epílogo da obra, encontramos uma justificação para as crónicas, nas quais tantas vezes o autor lançou invectivas contra Portugal e contra os hábitos portugueses:

Em Portugal, ter amor às nossas coisas implica dizer mal delas, já que a maior parte delas não anda bem (...). Será que se diz mal na esperança de que elas se ponham boas? Também não. As nossas causas são quase sempre perdidas (CARDOSO, 2009. p. 351).

A propensão nacional para maldizer o próprio país mais não é do que uma estranha e peculiar forma de amor pátrio, que oscila entre a concepção de um Portugal ideal e mitificado, localizado ora no passado, ora no futuro, e o Portugal insatisfatório e criticável, que existe no presente.

Ao defender as “coisas” que vêm do passado, se mantêm no presente e, expetavelmente, existirão no futuro, Miguel Esteves Cardoso está a pugnar pela própria identidade portuguesa, prestes a colapsar perante o avanço (tantas vezes acrítico) do novo:

O nosso instinto natural de conservação, de guardar, de não deitar fora, de aproveitar o que já se fez e salvar o que está prestes a morrer, precisa urgentemente de ser louvado e estimulado, tanto como a palavra “novo” anda a pedir uma impiedosa e urgente desmistificação (...) (CARDOSO, 2009, p. 56).

A paixão pelo novo, que conduz à rejeição daquilo que é antigo e fundo na vida da comunidade equivale ao

mais cobarde e condenável dos desrespeitos (...), [que é] renunciar a uma memória de quem somos devedores – é deixar quebrar uma cadeia que em muito nos antecede, que muito tempo nos havia de suceder, e da qual nos devíamos orgulhar de ser somente um elo, já que só um elo pode, por fraqueza, deitá-la completamente a perder, ou, por força permitir-lhe continuar (CARDOSO, 2009. pp. 56-57).

A visão de Esteves Cardoso não está fixada no passado. A sua aposta é na continuidade e na conservação de uma memória e de uma cultura partilhadas pela comunidade, que se encontram ameaçadas pelo “novo”, que pode ligar-se à ideia de integração europeia.

A reflexão sobre a integração europeia ocupa também parte das crónicas de *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*. Em “A aventura da Europa”, por exemplo, Esteves Cardoso apresenta a sua noção de “Europa” não como uma organização económica, não como uma futura organização política, mas como um espaço-repositório de artefactos culturais, ao alcance de qualquer um, e do qual Portugal não está arredado:

A Europa que interessa (...) já nós temos. Está em livros que podemos ler, discos que podemos ouvir, museus e lugares que podemos visitar. Os Portugueses, de resto, sabem muito mais acerca da Europa do que a Europa sabe acerca dos Portugueses. *Já somos*, se calhar, o povo mais europeu da Europa. Somos, com os Holandeses, os mais abertos, interessados, curiosos. Não façamos partes gagas, fingindo que não sabemos e que não somos nada (CARDOSO, 1995, pp 130-132).

Se o fascínio com a Europa é criticável, não é menos criticável a fixação no passado:

(...) os profetas dos portugueses são os historiadores e as utopias nacionais nada têm a ver com amanhã – foram ontem (...). Logo que uma coisa passa para o passado, passa a ser a melhor de todas (CARDOSO, 2009, p. 208)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Os indicadores temporais presentes na crónica, que se intitula “Optimismo”, permitem situar a sua redacção por 1983 ou 1984. A situação económica, política e social não era, por isso, a mais favorável, já que em 1983, o país esteve sob intervenção do FMI. A partir de 1985, a conjuntura começou a mudar. Cavaco Silva ganhou as legislativas desse ano, ainda com um governo minoritário; em 1986, Portugal entrou na CEE; em 1987, nas legislativas antecipadas, o PSD e Cavaco conquistaram a primeira maioria absoluta, cenário que se repetiu quatro anos depois e que garantiu um período de dez anos

Para Esteves Cardoso, a ligação entre portugueses e Portugal tem dimensão patológica, que o autor diagnostica como “portugalite”. Trata-se de uma doença “contraída por cada Português logo que entra em contacto com Portugal” (CARDOSO, 2009, p. 233), que se caracteriza pelo amor exarcebado e pela crítica feroz ao país, mas que mais não é do que o resultado do desconhecimento de realidades sociais, políticas, culturais distintas da portuguesa.

Se a “portugalite” é uma doença, exige-se o seu tratamento. Para isso é preciso que o doente aceite o seu estado e procure a cura, que permitirá reencontrar o “bom português”, aquele que “escolhe Portugal” (CARDOSO, 2009, p. 238) e que consegue manter uma relação saudável quer com o passado, quer com o futuro da nação, graças à sua visão distanciada e desapaixonada, que lhe garante a inteligência crítica para conceber Portugal de uma maneira “que vai além do território, da população e do tempo que estão em qualquer altura presentes” (CARDOSO, 2009, p. 240).

Mas o tempo em que Miguel Esteves Cardoso escreve é um tempo de mudança social, como bem atesta a crónica “Fidalgos, queques e betinhos”, em *Os Meus Problemas* (2001 [1988]), já que tanto os “queques”, como os “betinhos” desejam ascender à categoria de “fidalgos”. Ao longo de todo o texto, Esteves Cardoso apresenta os traços que caracterizam cada um destes grupos, desde o modo como falam e se dirigem aos outros, às formas de estar e de vestir e aos hábitos de alimentação.

Ao contrário do que sucede com os fidalgos, que não sabem bem “em que século começou a fortuna da família” (Cardoso, 2001 [1988], p. 10), queques e betinhos descendem de “*self-made men*, homens que se levantaram pelas próprias mãos, quantas vezes rudes e calejadas” (Cardoso, 2001 [1988], p. 10). Trata-se, pois, de uma nova ética, já que o *status* social é concebido como algo que pode ser conquistado através da força do trabalho, não dependendo das circunstâncias do nascimento do indivíduo – estas, por adversas que sejam, podem ser contrariadas.

---

consecutivos de grande estabilidade política, que se fez acompanhar por crescimento económico e paz social. No entanto, a idealização do passado, própria da maneira portuguesa, leva Esteves Cardoso a vaticinar: “Em 2003, 1983 será um dos melhores anos das nossas vidas, e 2003 será, sem dúvida, o pior de sempre. É preciso, por isso, ter esperança: basta esperarmos vinte anos para vermos quanto estamos felizes e bem servidos neste ano de 1984.” (CARDOSO, 2009, p. 208).

No plano político, Cavaco Silva<sup>6</sup> simbolizará esta nova ética, cujo correspondente económico-social se traduzirá na melhoria geral das condições de vida da população portuguesa, a partir da entrada na CEE. Não negando a licitude da ascensão social por via do mérito, o que merece os reparos de Esteves Cardoso é o travestismo social, que passa pela negação ou ocultação das origens e pelo culto excessivo dos símbolos de fidalguia (“brasões” e “quintas”)<sup>7</sup>.

À medida que o bem estar económico-social se instalava, crescia o clima de optimismo, que é testemunhado na crónica “O problema português de 1987”. Um ano depois da entrada na CEE, com um governo maioritário à frente dos destinos nacionais, Esteves Cardoso notava:

O problema é a escassez cada vez maior de problemas (...).

Portugal está Uau. Wow! Se está! É a primeira vez na nossa história. O último período minimamente Uau foi nos Descobrimientos. Só que agora é melhor (...) (CARDOSO, 2001, pp. 183-184).

No entanto, tal entusiasmo pode ser excessivo. Considerando “que bem se está em Portugal” (CARDOSO, 2001 [1991], p. 53), o cronista interroga-se sobre o que poderá estar na origem desse sentimento, que ecoa na rádio, mas que é, afinal uma anormalidade:

Estamos demasiado bem para nosso bem. Vem aí a borrasca. E da grossa. Esta pasmaceira não pode durar. A característica “porreirinha” da nossa situação económica, política e social não é sadia nem natural. Vai virar, vai ser bonito! (CARDOSO, 2001 [1991], p. 56).

Apesar de expressar o seu cepticismo em relação à atualidade em que escreve, Esteves Cardoso mantém uma nota de alegria e de esperança, graças ao humor que percorre os seus textos e que deixam ao leitor (ainda hoje) um sorriso e, não raro,

---

<sup>6</sup> Enquanto primeiro-ministro, Cavaco Silva cultivou uma imagem pública de homem honesto, trabalhador diligente e de português simples que, arduamente, subira na vida. As suas origens de algarvio humilde, que estudara com dificuldade e que abrisse caminho até uma carreira académica e, finalmente, a dirigente do PSD e primeiro-ministro, corroboravam esta imagem.

<sup>7</sup> Esta ideia é glosada, por exemplo, no programa *Humor de Perdição* (1987-1988), no qual Miguel Esteves Cardoso colaborava enquanto argumentista, através das personagens Pureza Madredeus Teixeira da Cunha (Ana Bola) e Maximiana (Herman José). Pureza é filha de Maximiana e nasceu na remota e fictícia Merdaleja, recebendo como nome Marisol. No entanto, abandona esta identidade e assume o papel de Pureza, que exhibe tiques e maneirismos de “betinha”, não suportando “a vergonha de ter [uma mãe] que nasceu entre o povaréu”, “tratando mal aqueles que considera inferiores (demasiado mal) e bem aqueles que considera superiores (demasiado bem)” (CARDOSO, 2001, p.10).

uma gargalhada. Na verdade, podemos considerar que o cronista propõe aos seus contemporâneos que desenvolvam uma consciência crítica face ao momento histórico que atravessam, de modo a que as faltas diagnosticadas sejam corrigidas.

Perspectiva diferente é aquela que encontramos em Lobo Antunes.

Filiado na literatura e no romance e só depois na crónica, Lobo Antunes não parece alimentar os seus textos com motivos colhidos na actualidade, nem desenvolver aí pensamento de tipo ensaístico, como o que encontramos em Esteves Cardoso. De facto, no verbete dedicado às crónicas, presente no *Dicionário da Obra de António Lobo Antunes*, são destacados três núcleos temáticos principais: (1) textos de pendor autobiográfico, onde ganham destaque as memórias de infância e as memórias de guerra; (2) textos onde se procede a uma reflexão sobre a natureza do literário e do ofício da escrita; e (3) textos de tendência narrativa<sup>8</sup>, cujas personagens são congêneres das personagens do romances, vivendo um quotidiano anónimo, de tempo indefinido e suspenso, num registo que se aproxima da caricatura (SEIXO (dir), 2008. Vol. I, pp. 41-69). Embora concordando com esta proposta, aqui defenderemos que este último núcleo temático constitui também um exercício reflexivo, que opera através da ficcionalização do real e do momento histórico, que autor e os seus leitores testemunham e vivenciam.

Na crónica “Os meus domingos” (ANTUNES, 2002, pp. 59-60), o leitor encontra um relato na primeira pessoa, de uma ida ao “Centro Comercial”, hábito que se foi implementando durante as décadas de 80 e 90, graças à construção de empreendimentos dedicados ao comércio e lazer, como é o caso das icónicas torres das Amoreiras<sup>9</sup>, lugar onde narrador e família vão.

O novo estilo de vida e as novas formas de socialização permitidas pelo centro comercial são apresentadas na crónica em termos grotescos, já que aquilo que se sublinha é a massificação dos comportamentos e a destruição da individualidade dos sujeitos:

---

<sup>8</sup> A tendência para o narrativo não afecta a identidade destes textos como crónicas, já que o género depende do *medium* de divulgação, que é o periódico: o suplemento de domingo do *Público* ou a *Visão*. Quanto ao facto de haver textos que “são um lugar de expressão mínima mas tensamente centrada na narratividade” (REIS, 2011), tal pode ser explicado pela fluidez do género em apreço, que força as suas próprias fronteiras na conquista do literário e do lírico, desprendendo-se, em simultâneo, das peias temporais que estão na sua génese.

<sup>9</sup> Complexo de escritórios, habitação e comércio, construído numa zona elevada da cidade de Lisboa, e inaugurado em 1985. O projeto, da autoria do arquiteto Tomás Taveira (1938), tem um desenho icónico e teve grande impacto na cidade aquando do seu aparecimento.

(...) todos os automóveis do parque são Seat Ibiza, todos têm mantas alentejanas nos bancos (...), todos exibem junto à matrícula com o círculo das estrelinhas da Europa a mesma rapariga de Stetson e cabelo comprido (...), todos devem habitar em Alverca e todos circulam no Centro de forma idêntica à nossa (...) (ANTUNES, 2002, p. 59).

A massificação dos comportamentos tem como correlato a despersonalização quer dos indivíduos, quer dos espaços por eles habitados, como sucede no final da crónica:

Como a Fernanda e a Dona Cinda param em todas as montras (...) acontece enganar-me e trocá-las por outra sogra acrílica, outra mulher roxa e verde e outra criança de laço, e sucede-me passar horas num banco, sem dar pela diferença, com uma Fátima e uma Dona Deta, a planear as prestações de um micro-ondas e de um frigorífico novo, seguir para Alverca (...) e só na terça-feira, quando vou a sair para a Junta, a minha esposa informa, envergonhada, que mora em Loures ou na Bobadela, o Roberto Carlos se chama Bruno Miguel, e deu pelo engano, há cinco minutos, porque a minha Última Ceia é de estanho e a dela de bronze (...).

Esta semana a minha mulher chama-se Milá, o meu filho Jorge Fernando e ando a pagar um apartamento em Rio de Mouro. Como esta sempre cozinha melhor do que as outras não faço tenções de voltar às Amoreiras (...) (ANTUNES, 2002, p. 60).

Os subúrbios de Lisboa, que na época da infância do escritor eram as bem conhecidas ruas de Benfica<sup>10</sup>, cederam o lugar a Alverca, ao Cacém, ao Laranjeiro – dormitórios que crescem a partir das décadas de 60 e 70, acolhendo, primeiro, aqueles que se deslocam das zonas rurais do país para as franjas da capital em busca de melhores condições de vida; depois, aqueles que chegam das ex-colónias e finalmente, aqueles que deixam de ter lugar na cidade por razões como o elevado preço da habitação.

Estes novos lugares não se constituem como novos centros, permanecendo nas franjas de uma cidade (de um país?) que se torna, também ela, vazia. Esta ideia patenteia-se, por exemplo, na crónica “Uma coisa assim”.

Nela, o narrador relata como pretende vender a “casita ao pé da estação”, onde vive com a irmã, trocando-a por “um apartamento no centro para fugirmos aos comboios” (ANTUNES, 2002, p. 101). No entanto, não são os comboios, nem os

---

<sup>10</sup> Veja-se a crónica “Elogio do subúrbio”, que abre *Livro de Crónicas*. Benfica, atualmente, uma das zonas da cidade de Lisboa, era uma zona de “quintinhas, travessas, casas baixas”, onde Lobo Antunes passou a sua infância. No âmbito das crónicas, Benfica surge como símbolo da infância feliz, a que tantas vezes o autor deseja regressar; o subúrbio da infância é um lugar estruturante, ao contrário do subúrbio em que encontramos as personagens das crónicas.

danos provocados pela sua passagem que perturbam o narrador e a irmã, mas sim os palhaços que lhes invadem a casa.

As referências ao universo circense são frequentes na ficção antoniana, sendo a figura do palhaço evocada com relativa frequência<sup>11</sup>. Juan Cirlot no seu *Dicionário de Símbolos* descreve o “palhaço” enquanto “inversão do rei” (CIRLOT, 2000, p. 288). Este, por sua vez, “simboliza (...) o homem universal e arquetípico” (CIRLOT, 2000, p. 315), que se consuma através do amor. Estes dados são pertinentes, na medida em que a oposição entre rei/ homem pleno e palhaço/ homem vazio podem ser transportados para esta crônica de Lobo Antunes. Assim, o grotesco dos palhaços que invadem a casa sublinha o próprio grotesco do narrador-personagem, incapaz de ascender ao estado de homem pleno, devido à sua condição marginal, quer porque vive à beira da linha do comboio, quer porque a sua situação familiar se caracteriza pela esterilidade, dado viver com a irmã.

A (tentativa de) fuga ao grotesco desta vivência salda-se numa situação também ela caricata. Incapazes de lidarem com o “[m]edo dos palhaços que choram e dos que usam girassóis no chapéu”, as personagens partem para Lisboa, refugiando-se “nas leitarias da Praça do Chile” (ANTUNES, 2002, p. 103). Conquanto se trate de um espaço que pertence à Lisboa de outrora<sup>12</sup>, ele pertence também à Lisboa de agora, que é um lugar estranho e incapaz de acolher aqueles que procuram amparo.

Neste tempo de agora, em que o centro-lar perdeu a sua razão de ser, descobrem-se várias personagens que vivem nos subúrbios de Lisboa, condenadas a uma solidão alienante, como aquela que testemunhamos em Deolinda, abandonada por Edgar, depois de um ato sexual mal sucedido. Dirigindo-se diretamente ao amado, rememorando as razões do afastamento, Deolinda propõe soluções para uma

---

<sup>11</sup> SEIXO (dir), 2008. Vol. II, pp. 128-132.

<sup>12</sup> No *Dicionário da Obra de António Lobo Antunes* sublinha-se a visão disfórica que a cidade recebe do autor: por um lado, Lisboa é observada através de “um olhar magoado, triste e, como defesa, excêntrico, o de alguém que se afastou desnecessariamente e que, quando voltou a Lisboa, se sente traído por uma realidade que mudou sem aviso”. A Lisboa de outrora corresponde àquela da infância do autor, “que possuía uma coerência pré-moderna, estável e tranquilizadora à custa da ignorância do mundo e da repressão instituída pelo regime autoritário e ditatorial da época. É uma Lisboa ordenada, distribuída por bairros, ruas e avenidas como a Praça do Chile, o Alto de São João, a Penha de França, Campo de Ourique, a Avenida Almirante Reis, a Rua Pascoal de Melo, Santa Apolónia (...). Em contrapartida, a Lisboa do presente é pouco agradável” (SEIXO (dir), 2008. Vol. I, pp. 267-268).

reaproximação; porém, esta é impossível, porque desde logo gorada – Edgar, embora seja o destinatário, é sobretudo uma ausência:

e nem sequer te voltaste, nem sequer adeus, nem sequer um sorriso, nem sequer um telefonema, queria dizer-te Não te apoquentes, queria dizer-te Não tem importância, gosto de ti à mesma (...) podíamos morar os dois no Laranjeiro ainda que ficasses cansado para sempre, eu não me importo, comprávamos um cãozinho, íamos aos domingos ao Ginjal, isto no Laranjeiro é calmo, vê-se a Cova da Piedade (...) (ANTUNES, 2002, p. 113).

O que esta e outras crônicas sugerem é a impossibilidade de uma vida partilhada e plena, pois um dos membros do casal revela-se incapaz de se dar integralmente ao outro: Edgar abandona Deolinda; Jorginho é incapaz de pedir Manuela em casamento, ainda que a ame<sup>13</sup>; o marido de Filomena sente a náusea dos domingos passados em família, que só passa à medida que a segunda-feira se aproxima<sup>14</sup>.

A esse título, é paradigmática a crônica “A propósito de ti”. O narrador de primeira pessoa afirma “Somos felizes”, frase que se repete ao longo da crônica, explicando-se de seguida em que consistem as condições para essa felicidade:

Somos felizes. Acabámos de pagar a casa em outubro, fechámos a marquise, substituímos a alcatifa por tacos, nenhum de nós foi despedido, as prestações do Opel estão no fim. Somos felizes: preferimos a mesma novela, nunca discutimos por causa do comando, quando compras a TV Guia sublinhas a encarnado os programas que me interessam, lembras-te sempre da hora daquela série policial que eu gosto tanto, com o preto cheio de anéis a dar cabo dos italianos da Máfia (ANTUNES, 2002, p. 153).

A (relativa) prosperidade alcançada, bem como a conjugalidade baseada na similitude de gostos sugerem um quadro de harmonia, garantia da felicidade que o narrador experimenta e que tem como prova máxima a compra de um cão<sup>15</sup>, o que acabará por influenciar as rotinas do casal. O desenlace não se faz esperar. O marido, dirigindo-se à mulher ausente, relata como a viu desaparecer:

---

<sup>13</sup> “O fim do mundo”. In ANTUNES, 2002, pp. 115-117.

<sup>14</sup> “Teoria e prática dos domingos”. In ANTUNES, 2002, pp. 119-121.

<sup>15</sup> A referência ao cão é sugestiva pois, para além de ser um símbolo da fidelidade e da lealdade – que aqui se quebra, contribuindo para o desenlace patético – denota também um laço afetivo substituto do afeto entre humanos, designadamente, do afeto que une pais e filhos.

(...) não me preocupei no sábado com o animal muito entretido na praceta e tu atrás dele, de trela enrolada na mão, sem olhares para cima nem dizeres adeus, a andar devagarinho até desapareceres na travessa para a estação dos barcos (ANTUNES, 2002, p. 154).

Porque “somos felizes”, o narrador de primeira pessoa prossegue com as rotinas que existiam antes da partida da mulher e planeia a compra de um micro-ondas para o caso de ela voltar a casa. A referência ao eletrodoméstico, cujo uso se banalizará durante os anos 90, mas que foi durante algum tempo um bem raro e acessível a apenas a algumas bolsas, sublinha o tópico dos bens materiais enquanto geradores de prazer e de uma felicidade que age por substituição.

De acordo com Eunice Cabral (2011), nas suas primeiras obras, Lobo Antunes deteve-se no sofrimento coletivo e social, evoluindo, em obras mais recentes, para a observação do infortúnio íntimo e pessoal. No entanto, como a académica sublinha, as questões políticas e sociais informam a experiência privadas das personagens.

Um tipo específico desse sofrimento é o que resulta da crise de identidade que afeta as personagens e que se liga às próprias crises de identidade na sociedade portuguesa. Nesta nova sociedade, os modelos e as referências desaparecem, dando lugar a um “quotidiano vivido (ou melhor: sofrido) em regime de rotina, de monotonia e de silenciosa aceitação de uma certa “ordem natural das coisas”” (REIS, 2011), em que o que sobra às personagens convocadas por Lobo Antunes para as suas crónicas é uma vivência que se desenrola nesse não-lugar (AUGÉ, 1995) em que Portugal se converteu – entre o subúrbio e o centro comercial, onde os lugares fundadores e organizadores da identidade estão confinados à memória. Perante uma realidade incapaz de preencher as expectativas (geradas pela revolução? geradas pela integração europeia? geradas pela promessa da felicidade futura?), as personagens (do romance e da crónica) sucumbem à infelicidade.

### **Considerações finais**

Nas últimas décadas, a sociedade portuguesa passou por transformações profundas: a economia baseada sobretudo na agricultura, deu lugar a uma economia assente nos serviços; a população rural fixou-se nas cidades do litoral e nos seus subúrbios; o acesso aos cuidados de saúde e à educação generalizou-se; a mortalidade infantil baixou, bem como o número de nascimentos; a esperança média

de vida cresceu. No entanto, neste rápido processo, alguma coisa parece ter sido perdida.

Se historiar implica dar atenção àquilo que o tempo se encarregou de conservar como sedimento, então é de crer que as crônicas aqui abordadas podem ser material para a História futura, já que retiveram impressões acerca do tempo de mudança, que foram as duas últimas décadas do século XX.

Esteves Cardoso denuncia quer o fascínio do novo quer a fixação no passado, que impedem que se dê a devida atenção ao presente, tempo onde a herança comum, os valores, maneiras de ser e de estar precisam de ser assumidos, sem vergonhas nem embaraços, mas também sem excessos de orgulho – de modo a que a identidade construída e forjada ao longo de séculos de existência colectiva não chegue ao futuro apenas como destroço.

Por seu lado, Lobo Antunes, nos exemplos apresentados, traz-nos casos-quadros, ilustrativos do que é viver em Portugal na última década do século XX. Desfeito o império, sobrou um país tão à margem e tão à procura de si, como as personagens que encontramos nestes textos.

Nesta perspectiva, Portugal deixou de ser esse centro que organizava a experiência ou o conhecimento partilhado pela comunidade para ser um território de sucessivas margens – subúrbio, centro comercial – onde o lar dificilmente se forma ou se desfaz e onde a felicidade se tornou inatingível.

Funcionando como espelhos – tanto dos leitores, mas também dos próprios cronistas –, estas crônicas são um convite para que nos reflitamos nelas de modo a (re)descobrirmos a nossa própria identidade: quem somos nós, portugueses, hoje? Uma resposta que só poderá ser dada pelos historiadores do futuro.

## Referências

ANTUNES, António Lobo. *As naus*. Lisboa: Dom Quixote, Lisboa, 1988

ANTUNES, António Lobo. *Livro de crônicas*. 5ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 2002

AUGÉ, Marc. *Non Places* – introduction to an anthropology of supermodernity. London: Verso, 1995

BARRIGA, Antónia. *Media, política e opinião – uma tríade complexa. uma abordagem à opinião publicada em Portugal*. Tese de Doutoramento em Sociologia, especialidade Comunicação. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa: ISCTE, 2008. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1381>. Acesso: 16 de maio de 2022

CABRAL, Eunice, In the name of a father: in search of a lost name and place. *Portuguese literary & cultural studies. facts and fictions of António Lobo Antunes*. Nº 19/20, 2011, pp. 291-304

CARDOSO, Miguel Esteves. *A causa das coisas*. 18ª ed. Lisboa: Assírio e Alvim, Lisboa, 2009 [1986]

----- . *As minhas aventuras na República Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1995

----- . *Os meus problemas*. 12ª ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2001 [1988]

----- . *Último volume*. 5ª ed. Assírio e Alvim, Lisboa, 2001 [1991]

CIRLOT, Juan Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Lisboa: D. Quixote, Lisboa, 2000

EDENSOR, Tim. *National identity, popular culture and everyday life*. Oxford/ New York: Berg, 2002

REIS, Carlos. Os domingos cinzentos de António Lobo Antunes. *Portuguese literary & cultural studies. facts and fictions of António Lobo Antunes*. Nº 19/20, 2011, pp. 305-319

RODRIGUES, Ernesto. *Mágico folhetim: literatura e jornalismo em Portugal*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998

SEIXO, Maria Alzira (dir). *Dicionário da obra de António Lobo Antunes – 2 volumes*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008